

ARTIGO

CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DO PENSAMENTO
COMPLEXO PARA A COMPREENSÃO DA PESQUISA SOCIAL

Resumo

Na contemporaneidade, com o desenvolvimento do pensamento complexo, a interdisciplinaridade passou a ser valorizada, favorecendo um constante diálogo entre diferentes disciplinas. Neste sentido, ao tomarmos a metodologia etnográfica como foco de interesse das ciências sociais, é possível abordar seu estudo numa perspectiva interdisciplinar, com a finalidade de interagir com diferentes saberes, em especial com a pesquisa social.

Palavras-chave

Metodologia etnográfica; Pensamento Complexo; Pesquisa social.

Abstract

Nowadays, with the development of complex thinking, interdisciplinarity has become valued, favoring a constant dialogue between different disciplines. In this sense, the we take the ethnographic methodology as a focus of interest in the social sciences, it is possible to approach their study from an interdisciplinary perspective, in order to interact with different knowledge, especially with social research.

Keywords

Ethnographic methodology; Complex Thinking; Social Research.

* Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). E-mail: alessandra_rufino@oi.com.br

Introdução

A pesquisa social tem sido marcada fortemente por estudos que valorizam a utilização de métodos qualitativos para descrever e explicar seus fenômenos. Gil (1987, p.42) argumenta que é possível defini-la “como o processo, que utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

A partir dessa conceituação, pode-se definir realidade social como um conceito bastante amplo, que envolve todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais. Nesta perspectiva, o conceito de pesquisa social adotado neste artigo refere-se às investigações realizadas no âmbito das ciências sociais, isto é, um ramo da ciência que estuda os aspectos sociais do mundo humano. Entretanto, ao levar em consideração a concepção de que cada pesquisa social tem um objetivo específico, este trabalho dará ênfase somente às questões epistemológicas e metodológicas da Sociologia e da Antropologia.

É preciso esclarecer que no plano epistemológico é possível discutir os padrões de análise científica, atualmente em uso nas ciências sociais. Sendo assim, o conceito de metodologia entendido neste estudo recorre ao que expõe Gondim e Lima (2006, p.08), na obra intitulada “A pesquisa como artesanato intelectual: Considerações sobre método e bom senso”. Os referidos autores explicam que a metodologia “é importante demais para ser deixada aos metodólogos, não devendo se constituir em disciplina específica”. Sem dúvida, esta concepção fortalece o discurso de Paul (2011, p.231), que deixa transparecer que “as pesquisas não devem ser construídas sobre o reducionismo metodológico vigente no campo científico”. O mesmo defende que a ciência deve se abrir para a interdisciplinaridade, podendo causar uma mudança paradigmática no mundo científico, uma vez que o diálogo entre as disciplinas podem garantir a compreensão do pensamento complexo.

Para Morin (2009, p.191), o pensamento complexo “permite avançar no mundo concreto e real dos fenômenos”. Desta forma, a complexidade, por integrar diferentes modos de pensar, indica que tudo se liga a tudo. Em outras palavras, a perspectiva epistemológica do pensamento complexo defende o princípio de que a parte e o todo estão intimamente ligados e que o somatório das pequenas ações e das interações entre elas, podem produzir efeitos surpreendentes no todo.

Neste caso, ao tomarmos como referência a reforma do pensamento proposta por Morin (2001), na obra que se intitula “A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, veremos que o conhecimento da complexidade estimula a

existência de um pensamento que permita ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras. É por esse motivo que o pensamento complexo propõe que as disciplinas possam ser articuladas uma às outras.

Contudo, a exagerada compartimentalização do conhecimento ainda prevalece nos dias atuais, proporcionando cada vez mais a formação de especialistas. Por esse motivo, a resistência contra a desenfreada disciplinaridade, por parte de alguns estudiosos, ampliou-se. Por essa razão, este artigo tem por objetivo realizar algumas reflexões sobre a prática metodológica da pesquisa social. Para isso, toma como referência a metodologia etnográfica ao inferir que esta pode ser direcionada para o campo interdisciplinar, já que várias disciplinas das ciências sociais podem interagir a partir dos pressupostos da pesquisa social, visando à melhor compreensão de um objeto de natureza complexa.

Neste sentido, disciplinas como a Antropologia e a Sociologia, tornam-se responsáveis por levantarem pontos importantes para o melhor conhecimento da metodologia etnográfica. De acordo com os pressupostos antropológico e sociológico, a etnografia é uma estratégia de investigação da pesquisa social que segue os padrões estabelecidos pelo pesquisador no momento do trabalho etnográfico, levando em consideração a realidade do contexto social da pesquisa.

As disciplinas citadas, de uma forma ou de outra, levantam pontos importantes para o melhor conhecimento da pesquisa social. Entretanto, embora possamos reconhecer a importância de cada uma delas, é necessário deixar claro desde a introdução, o caminho percorrido para compreendermos a aproximação que a pesquisa social mantém com o pensamento complexo. Assim, o eixo condutor do presente artigo foi à pesquisa social, na qual buscou-se aporte teórico para facilitar a compreensão de sua abordagem metodológica. Nessa conjuntura, o artigo também aborda uma discussão sobre a relação que o pensamento complexo possui com a interdisciplinaridade com a finalidade de expor as estratégias da metodologia etnográfica.

A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA SOCIAL

O pesquisador que desenvolve estudos no campo da pesquisa social tem como objeto de investigação o ser humano em seus diferentes contextos, seja qual for o problema de pesquisa proposto. Em razão disso, os sujeitos da investigação ao serem organizados teoricamente, fazem parte de uma relação de intersubjetividade que resulta da interação com o pesquisador. A partir dessa constatação, Medeiros *et al.* (2009, p.01) afirma que “a pesquisa social se constitui como uma ação de natureza complexa, que se propõe a investigar fenômenos sociais, pertencentes a um dado

contexto histórico, econômico, político e cultural”, seja por métodos quantitativos, como qualitativos, independentemente do campo disciplinar de origem dos investigadores ou da inserção acadêmica do projeto de pesquisa. No campo de pesquisa das Ciências Sociais, por exemplo, múltiplos objetos e variadas atividades adotam distintas metodologias e teorias para o desenvolvimento da pesquisa empírica. Nesta perspectiva, Boudon (1989, p.10) alerta que “existem múltiplos enfoques atribuídos à pesquisa social”.

No que diz respeito à Antropologia e a Sociologia, o referido autor destaca que no cenário dessas disciplinas muitos objetos de estudo priorizam as sociedades globais a partir da análise de suas mudanças e dos seus sistemas sociais. O mesmo ressalta que os estudos de autores como Weber, Durkheim, Lévi-Strauss e Parsons ajudam a teorizar, sobretudo, as possibilidades metodológicas.

Sob essa perspectiva, May (2004, p.44) defende que “a pesquisa social precisa estar associada à teoria social em uma relação de complementaridade e interdependência”, pois a teoria contribui com a interpretação dos dados empíricos como também pode auxiliar no decorrer do processo da pesquisa. Para Santos (2009, p.121), diante das aceleradas mudanças da sociedade global, “o paradigma da complexidade na perspectiva metodológica tem colaborado para que a tendência atual na área da pesquisa social seja marcada por uma intensa integração de textos, imagens e sons”. Desse modo, a combinação de diversas técnicas de pesquisa possibilita o desenvolvimento de pesquisas sociais mais precisas e interessantes.

Contudo, Minayo (1999, p.20) assevera que “entrar no campo da metodologia da pesquisa social é penetrar num mundo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo”. Isso se justifica porque os métodos das Antropologia e da Sociologia precisam ser especificados.

Dessa maneira, é preciso levar em consideração que o objeto da Antropologia e da Sociologia é histórico, já que considera que as sociedades humanas existem em um determinado tempo e espaço. Além do mais, outro aspecto distintivo dessas disciplinas é o fato de elas serem intrínseca e extrinsecamente ideológica. Essa percepção pode ser bastante visível na pesquisa social, visto que “a visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho” (MINAYO, 1999, p.21).

Conforme argumenta Lévi-Strauss (1975, p.215), “em uma ciência onde o pesquisador é da mesma natureza que seu objeto de estudo, o pesquisador acaba se tornando objeto de sua própria investigação”. Isso constitui um evento considerável na história do pensamento do homem sobre o homem, já que a Antropologia resol-

ve a questão de sua problemática reencontrando, especialmente a Sociologia, ao dar ênfase nas etapas de pesquisa da investigação social.

Neste caso, torna-se importante acrescentar que as pesquisas de caráter social são diferentes entre si, tanto em seus objetivos, quanto pelos procedimentos que envolvem. Por essa razão acaba sendo difícil apresentar todos os procedimentos do processo de investigação da pesquisa social. Entretanto, Brandão (2000) evidencia que “a definição do objeto de pesquisa colabora com a escolha da metodologia mais adequada para a sua análise”.

Embora a pesquisa social possa possibilitar a existência de estudos que valorizam a utilização de métodos quantitativos para descrever e explicar seus fenômenos, é possível afirmar que a utilização de métodos qualitativos tem se afirmado como uma possibilidade promissora de investigação.

Geralmente, a pesquisa qualitativa não utiliza elementos estatísticos no processo de análise de dados. Seu foco de interesse é amplo e parte da obtenção de dados descritivos coletados mediante o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo. Segundo Gil (1987, p.104), “entre os instrumentos de trabalho de campo, ao nível de pesquisa qualitativa, está à observação etnográfica, que se constitui elemento fundamental desde a escolha e a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação de dados”.

Diante do exposto, as metodologias de pesquisa qualitativa inserem conseqüências teóricas e práticas na abordagem do social. De acordo com Minayo (1999, p.10), elas são “capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais”. Segundo a mesma autora, o termo “metodologias qualitativas” consagra uma dificuldade histórica que as teorias têm ao se posicionarem frente à especificidade do social, visto que supõe uma afirmação da qualidade contra a quantidade, ao colaborar com a reflexão de uma disputa teórica entre o positivismo e as correntes compreensivistas.

Trazendo essa discussão sobre as metodologias qualitativas para o campo da Antropologia e da Sociologia, é possível presenciar o surgimento de questões semelhantes às do âmbito maior das ciências sociais. Isso se deve ao fato de que a Antropologia e a Sociologia não se consolidam em um campo científico separado da realidade social. Desta forma, por fazerem parte da pesquisa social, o campo da Antropologia e da Sociologia está associado a uma realidade complexa que estimula a integração de conhecimentos distintos.

A INTERDISCIPLINARIDADE E O PENSAMENTO COMPLEXO

A análise contemporânea sobre os novos parâmetros epistemológicos exige uma breve definição das palavras multidisciplinaridade e transdisciplinaridade para que posteriormente seja feito o debate sobre a interdisciplinaridade. Conforme argumenta Frigotto (1995), a multidisciplinaridade pode ser definida como a justaposição de disciplinas diversas, às vezes sem aparente relação entre elas. Almeida Filho (1997), por sua vez, define a transdisciplinaridade como algo que vai além do que chamamos de disciplina. Isso significa que a transdisciplinaridade, como um paradigma emergente, propõe transcender o universo fechado da ciência, dando destaque a multiplicidade dos modos de conhecimento. Para o mesmo autor, a interdisciplinaridade é a interação que existe entre duas ou mais disciplinas, podendo integrar mútuos conceitos distintos até uma simples comunicação de ideias.

De um modo geral, a prática interdisciplinar tem colaborado com os avanços que o campo metodológico tem sofrido nos últimos anos. Em decorrência disso, existe entre os pesquisadores que adotam as técnicas qualitativas uma preocupação em tornar seus estudos cientificamente confiáveis. Por isso, muitos costumam utilizar em suas abordagens, o método dialético com o intuito de analisar os fenômenos sociais a partir da perspectiva subjetiva dos atores sociais envolvidos pela pesquisa social.

Assim, é possível verificar que a pesquisa social se caracteriza, segundo Alvorença (1994, p. 24), como um campo interdisciplinar, “já que não é possível de ser englobada ou reduzida a uma única disciplina”. Neste sentido, para Bruyne (1982), na medida em que as disciplinas pertencentes ao campo das Ciências Sociais, como é o caso da Antropologia e da Sociologia, visam necessariamente integrar-se ao espaço das ciências humanas, é necessário que ambas delimitem metodologicamente um campo de análise, favorecendo a utilização de uma prática metodológica, que estimule a expansão da natureza interdisciplinar do paradigma científico.

Para contextualizar a discussão em torno da prática metodológica interdisciplinar é preciso conceituar o termo paradigma. De acordo com Kuhn (2003), a noção de paradigma refere-se a um modelo de ciência que serve como referência para toda prática científica durante uma determinada época ou período de tempo delimitado. Ainda para o mesmo autor, um paradigma sempre apresenta o interesse de criar e reproduzir condições para ampliar o conhecimento, respondendo aos problemas que são colocados pela sua época.

Apesar de não refletir sobre o conceito de paradigma no sentido proposto por Kuhn (2003), Morin (1998, p.166), ao se referir a teoria científica, reconhece que

para a desintegração de uma teoria é “necessária uma longa série de provas acumuladas das suas carências e insuficiências e também o aparecimento de uma nova teoria mostrando uma grande pertinência”. Isso demonstra que na história das ciências, as teorias passam por uma crise paradigmática.

Neste sentido, embora na ciência contemporânea ainda predomine o paradigma científico tradicional, que tem como uma de suas características a valorização da ciência disciplinar, existe o fortalecimento de um paradigma oposto aos pressupostos da ciência tradicional, principalmente por valorizar a introdução da interdisciplinaridade no campo científico. Tal paradigma é denominado de paradigma interdisciplinar e defende que o saber produzido com o advento da ciência contemporânea é um saber que está além do que é produzido pelo conhecimento técnico.

Desse modo, na perspectiva do paradigma interdisciplinar das Ciências Sociais, o conhecimento científico proporciona uma abertura nos campos profissionais, ao mesmo tempo em que possibilita a integração entre diversas disciplinas. Entretanto, a criação de um novo campo de conhecimento a partir da superposição de outras disciplinas, não se trata de uma somatória, mas de um novo pensamento que surge. Nessa perspectiva, Malanga (2002, p.67) esclarece que o pensamento interdisciplinar “diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra”. Já para Morin (1998), a palavra interdisciplinaridade além de significar troca e cooperação, deixa a entender que diferentes disciplinas se reúnem e dialogam.

Japiassú (1976) *apud* Alves *et al.* (2004) possui um pensamento que vai de encontro ao que defende Morin (1998), já que considera a interdisciplinaridade como uma ferramenta que possibilita a intercomunicação entre as disciplinas. O referido autor, além de fornecer em seus estudos elementos teóricos para a integração metodológica no campo interdisciplinar, acredita que para a viabilização de estudos interdisciplinares, é necessário que profissionais de várias áreas defendam a necessidade intrínseca de um projeto interdisciplinar, embora não saibam de antemão quais disciplinas devem compor uma abordagem interdisciplinar.

Mas conforme Minayo (2010, p.436-437), é possível saber de antemão que “a interdisciplinaridade deve estar presente na definição de objeto, na discussão dos vários conceitos e nas propostas metodológicas e técnicas”. Neste sentido, é possível inferir que a interdisciplinaridade refere-se a uma estratégia para a compreensão, interpretação e explicação de temas complexos. Por isso que Japiassú (1976) *apud* Alves *et al.* (2004) defende que a tendência das Ciências Humanas e Sociais é a orientação para os problemas e o investimento em uma metodologia que dê conta da perspectiva interdisciplinar.

Cabe acrescentar, que Le Moigne (2002) *apud* Paul (2011) indica dois níveis de trabalho interdisciplinar. Um refere-se ao nível pluridisciplinar, que consiste na busca de diálogo entre as disciplinas, com o objetivo antes de tudo pragmático, relacionado à complexidade do campo científico; o outro refere-se ao nível transdisciplinar, que insiste na importância de uma compreensão dos processos e das ligações numa abordagem mais sistêmica e menos separadora e analítica dos objetos.

Dessa maneira, é possível levar em consideração que a interdisciplinaridade, ao buscar se articular entre distintas disciplinas dentro de um contexto abrangente e global, pode se abrir para um pensamento complexo. Para Morin (2009), o pensamento complexo pode ser definido como um tipo de pensamento que não separa, mas que une as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana. Trata-se, portanto, de um pensamento que integra os diferentes modos de pensar ao levar em consideração todas as influências recebidas, sejam elas internas ou externas.

Em função da natureza dos fenômenos que se apresentam como objetos de investigação aos olhos dos investigadores, Alvarez *et al.* (2010, p.71) considera que “a questão da complexidade pode ser diferenciada segundo os próprios níveis que comporta”. Em decorrência disso, Morin (2009) afirma que podemos apreender diferentes níveis de complexidade dos fenômenos científicos, inclusive no próprio pensamento disciplinar de algumas ciências que vão além do paradigma hegemônico da ciência moderna, como é o caso de algumas ciências que vão além do paradigma hegemônico da ciência moderna, como é o caso de algumas abordagens das Ciências Sociais empregadas na perspectiva do pensamento dialético.

É importante lembrar que nos estudos de Maturana e Varela (1995) também é possível encontrar uma discussão sobre a complexidade, já que é desenvolvido um diálogo a partir da abordagem dos problemas complexos que procura ir além das fronteiras disciplinares. É empreendido, na verdade, um diálogo entre as disciplinas pertencentes ao campo das ciências biológicas. Tal diálogo é característico dos estudos interdisciplinares que passam a ser considerados como uma nova forma diferenciada de produção do conhecimento complexo.

Logo, podemos verificar que a interdisciplinaridade é imprescindível para o desenvolvimento do pensamento complexo, visto que valoriza o diálogo e a articulação de fragmentos disciplinares, como destaca Habermas (1987). Por isso, que para Minayo (2010), é sempre importante ressaltar que a interdisciplinaridade e a complexidade ajudam os pesquisadores a enxergarem interações e a modificarem práticas científicas que só valorizam regularidades e homogeneidades.

A METODOLOGIA ETNOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DA PESQUISA SOCIAL

A problemática da interdisciplinaridade tem se apresentado no campo da pesquisa social em diferentes níveis de abstração. Do ponto de vista metodológico, por exemplo, é marcada por momentos próprios da definição compartilhada do objeto de pesquisa. Assim, de acordo com Leff (2000), dentro de cada campo temático se desenvolvem diferentes princípios teóricos, metodológicos e ideológicos que podem criar obstáculos ou favorecer o diálogo interdisciplinar.

Fazenda (2004) assegura que a prática metodológica interdisciplinar distingue-se das demais por revelar na sua abordagem a marca registrada do pesquisador. Neste caso, podemos tomar como referência a metodologia etnográfica, que ao ser usada por diferentes disciplinas das Ciências Sociais, aproxima o pesquisador do seu próprio universo, possibilitando uma estreita relação com o objeto de estudo.

Embora a metodologia etnográfica não seja algo novo no espaço acadêmico, ainda se exige maiores esclarecimentos sobre essa técnica de pesquisa. Conforme André (1995, p.25) “a etnografia é uma perspectiva de pesquisa tradicionalmente usada pelos antropólogos e outros cientistas sociais para estudar a cultura de um grupo social. Essa concepção fortalece o pensamento de Erickson (1989) ao verificar que a realização de uma pesquisa etnográfica dá-se a partir de coleta de dados, da observação e de questionamentos.

As questões que se colocam para a discussão da pesquisa na área das ciências sociais passam pela diversidade de temas, áreas, enfoques e também denominações que verificam esse campo. Estudos que revelam a diversidade disciplinar e a necessária interdisciplinaridade quando se trata do campo das ciências sociais, nos fazem questionar a maneira como as pesquisas são concebidas nessa área do conhecimento.

Conforme Gatti (2005) o discurso de que as pesquisas devem responder às demandas sociais está presente no meio acadêmico. Entretanto, o que é chamado de demanda social, muitas vezes, está mais sujeito à paixão e a ideologia que à razão. Considerando essas questões, podemos corroborar com Erickson (1992) *apud* Fontoura (2007) que, ao levar em consideração os princípios da abordagem etnográfica, expõe que este método de investigação científica, é dotado de um potencial desvelador das atitudes, interesses, crenças e valores dos sujeitos envolvidos no processo científico, sejam os que pesquisam como os pesquisados.

Em qualquer investigação social, o foco da pesquisa é, muitas vezes, complexo, contraditório, inacabado e está em permanente transformação. Dessa maneira,

Schraiber (1995) enfatiza que a metodologia etnográfica explora a subjetividade de seu objeto de pesquisa com o propósito de possibilitar a construção do conhecimento. Nesse contexto, a abordagem etnográfica caracteriza-se pela observação sistemática das situações reais no local onde os fenômenos acontecem, possibilitando uma revisão contínua dos dados coletados, além de facilitar o desenvolvimento de outras pesquisas.

Para Lévi-Strauss (2003, p.14), “a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos freqüentemente escolhidos por razões teóricas e práticas”, visando a reconstituição dos fatos. Malinowski (1978, p.18), por sua vez, persiste na idéia de que a etnografia refere-se a “descrição detalhada de todos os procedimentos utilizados para o recolhimento do material etnográfico”, esclarecendo, desta forma, que as condições sob as quais as observações e informações são coletadas poderão conduzir as análises sob a problemática oferecida pela realidade estudada.

Diante do que foi exposto, pode-se verificar nas concepções de Vieira e Pereira (2005, p.226) que a metodologia etnográfica é uma estratégia de pesquisa na qual o pesquisador, seja ele antropólogo ou sociólogo, “se insere na realidade social que se propõe estudar com o intuito de compreender os elementos da vida social”. Para tal, a etnografia utiliza diferentes métodos, como a observação, a entrevista e a análise documental.

Entretanto, Silverman (2009) deixa claro que as formas de coletar os dados referentes a realidade observada, por parte do pesquisador etnográfico, muitas vezes se resumem a observação e a escuta dos fatos e fenômenos da realidade estudada. Dito em outras palavras, as principais técnicas de coleta de informações utilizadas pelo método etnográfico são as entrevistas em profundidade e a observação participante.

Geertz (1989) possui um pensamento que vai mais além ao de Silverman (2009), visto que alega que a etnografia deve ser conceituada não como ela é, mas sim, como se ela deve ser feita, levando em consideração a existência de um esforço intelectual que busque descrever minuciosamente a realidade sociocultural do objeto de estudo. Por isso, que Sanday (1979) *apud* Cunha e Ribeiro (2010) argumenta que é necessário entender primeiramente que a etnografia é algo que envolve um conjunto de processos interpretativistas.

Ao complementarem o pensamento de Sanday (1979), Cunha e Ribeiro (2010) expõem que a pesquisa etnográfica é confundida, muitas vezes, com uma simples pesquisa de campo. No entanto, ela é mais que isso, pois defende que o pesquisador precisa estar presente no campo por um longo período de tempo, enquanto em uma simples pesquisa de campo basta ir ao campo e coletar os dados de interesse.

É importante ressaltar que na percepção de Magnani (2009) os profissionais das Ciências Sociais necessitam da experiência do campo, já que esta atividade representa um momento crucial na aquisição do conhecimento científico. Assim, com base nas considerações sobre a prática da pesquisa etnográfica, é possível postular que a etnografia produz um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outros métodos.

Ao analisar a evolução da pesquisa qualitativa, Crizzotti (2003) indica que a metodologia etnográfica recobre um campo interdisciplinar, envolvendo, em especial, as disciplinas das Ciências Sociais. Dessa maneira, a etnografia possibilita constantes trocas de experiências entre os pesquisadores de diferentes áreas, que procuram tratá-la como uma prática válida e necessária para a construção solidária da vida social e do conhecimento.

Contudo, na obra “Os setes saberes necessários à Educação para o futuro”, Edgar Morin (2001), admite que o conhecimento se difere da realidade, uma vez que os saberes são cada vez mais compartimentados, embora os problemas científicos se mostrem interdisciplinares. Neste sentido, é possível inferir que a metodologia etnográfica pode colaborar com a globalização e contextualização do saber fragmentado.

Como explica Geertz (2001), quando os pesquisadores trabalham com a metodologia etnográfica, é comum que façam uma apreensão dos significados de seu objeto de estudo, valorizando a prática de uma ciência plural. Desta forma, é possível constatar que tanto a Antropologia quanto a Sociologia tem procurado definir a prática etnográfica de forma mais aberta, já que procuram estimular a valorização das ações dos atores sociais.

Soares (2003), por sua vez, destaca que no âmbito da Antropologia e da Sociologia, a metodologia etnográfica preocupa-se em entender a relação entre o investigador e o investigado, visto que o investigado também pode ser o investigador, estabelecendo, entre os dois, uma relação interativa e aberta a mudança.

Em linhas gerais, Frúgoli Jr. (2005), comenta que as perspectivas antropológica e sociológica sobre a etnografia são parecidas, pelo fato de não existir uma fronteira absoluta que separe essas duas disciplinas, embora ambas mantenham relações complexas. Neste sentido, os estudos de Clifford (2008, p.20), complementam que “o desenvolvimento da ciência etnográfica não pode, em última análise, ser compreendido separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade”.

A etnografia mencionada por Clifford (2008) está imersa, portanto, em uma escrita que encena uma estratégia específica de autoridade, que estabelece a validade

científica do método etnográfico. Já Malinowski (1978), ao expor uma complexa narrativa sobre a vida trobriandesa na obra “Argonautas do Pacífico Ocidental”, propõe diferentes caminhos para a pesquisa etnográfica ao romper com a antropologia de gabinete e inaugurar um novo estilo de pesquisa, que se fundamenta no constante diálogo entre a observação participante e as descrições etnográficas.

Sem dúvida, as concepções teóricas desses autores reforçam a idéia de que o pesquisador ao utilizar a metodologia etnográfica como ferramenta em sua pesquisa deverá entender e validar o significado das ações de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, evento ou situação interpretada. Em decorrência disso a etnografia assume o seu significado, tornando-se a forma de descrição da cultura material de um determinado grupo social ao possuir a seguinte preocupação: obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado nas perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem.

Retomando a discussão sobre a perspectiva interdisciplinar da metodologia etnográfica, é importante salientar que o objeto etnográfico interessa diretamente a Antropologia e a Sociologia, por não poder ser compreendido de forma fragmentada, caracterizando-se pelo intercâmbio entre essas disciplinas ao facilitar a interação entre as mesmas.

Japiassu (2006, p.150) ao levar em consideração a definição de interdisciplinaridade, acredita que a interação entre as disciplinas que utilizam a etnografia como metodologia pode acontecer a partir da “simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa”. Isso significa que a escolha da etnografia como estratégia de pesquisa, ocorre porque dependendo da escolha do objeto de estudo, os demais métodos de pesquisa acabam não sendo adequadas. Diante disso, é fundamental que a etnografia seja conceitualmente articulada com os pressupostos do pensamento complexo, valorizando um fecundo diálogo entre a Antropologia e a Sociologia.

DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO COMPLEXO E A PESQUISA SOCIAL

Algumas mudanças definitivas vêm ocorrendo nos fundamentos epistemológicos da ciência, visto que o mundo contemporâneo está sendo marcado por um culto ao ecletismo metodológico. Entre as teorias que colaboram com a construção de um pensamento mais aberto e flexível, está o pensamento complexo, investigado por Edgar Morin.

Gomes e Jimenez (2009) evidenciam que para Morin fortalecer sua proposta acerca da “reforma do pensamento”, o mesmo utiliza em várias de suas obras as descobertas ocorridas no campo da ciência ao criticar os princípios da ciência clássica. Num sentido geral, a proposta de Morin representa as idéias do pós-modernismo, que para Sokal e Bricmont (2006), representa uma corrente intelectual caracterizada pela rejeição explícita na tradição racionalista da corrente iluminista.

Deste modo, com o advento de novas formas de produzir conhecimento sobre os fenômenos sociais, o conhecimento limitado e separatista deixou de atender as inquietações contemporâneas, dando lugar ao pensamento complexo, capaz de aceitar, entre outras coisas, a incerteza, a interdisciplinaridade e a dialogicidade.

Com base nos pressupostos do pensamento complexo, Fontoura (2007) deixa claro que é possível articular o conhecimento comum com o conhecimento científico, vinculando a prática metodológica interdisciplinar aos princípios teóricos da pesquisa social. Ainda nessa perspectiva, o autor afirma que a abordagem do pensamento complexo dialoga com a abordagem etnográfica.

Diante dessa afirmação, pode-se verificar que a partir do momento que a metodologia etnográfica torna-se aliada do pensamento complexo, permite compreender as dinâmicas que regem as relações das sociedades contemporâneas. Em decorrência disso, a possibilidade de o pesquisador reunir elementos da Antropologia e da Sociologia com o interesse de fortalecer o processo de pesquisa etnográfica, passa a ser cada vez mais evidente.

Cabe lembrar que as possibilidades de pesquisa para a metodologia etnográfica são variadas e costumam direcionar o pesquisador para o campo interdisciplinar, no qual diferentes disciplinas interagem, almejando a melhor compreensão de um objeto de natureza complexa. Por isso, que o pensamento complexo foi escolhido para a compreensão da metodologia etnográfica, pois, de acordo com Morin (2009), consolida um enredamento que funciona e se caracteriza pelo movimento recursivo das partes entre si e entre as partes e o todo. Moraes e De La Torre (2006), ao exporem suas concepções sobre o pensamento complexo, destacam que as teorias de Maturana e Varela, bem como o pensamento de Edgar Morin, nos proporcionam a conscientização do fato de que as partes não dão conta de explicar o funcionamento do todo. Assim, estimulam a utilização de procedimentos científicos mais dinâmicos, interativos, recursivos e não-lineares.

Realizar os procedimentos da metodologia etnográfica na pesquisa social, sob a perspectiva do pensamento complexo, significa para Morin *et al.* (2003), assumir os princípios e pressupostos teóricos importantes e significativos, tais como: in-

tersubjetividade, incerteza, interioridade, mudança, auto-organização, emergência, causalidade circular e multidimensionalidade. Em outras palavras, pesquisar a partir do enfoque da complexidade implica em dar ênfase àquilo que liga, religa e sustenta os vínculos entre os sujeitos da pesquisa, garantindo a construção, a produção e a criação do conhecimento científico.

Entretanto, como adverte Paz Sandin (2003), toda e qualquer interação depende da natureza do objeto do conhecimento e da finalidade do estudo. Desse modo, é preciso reconhecer que o caráter dialógico e complexo que envolve a metodologia etnográfica destaca a necessidade de problematizar a natureza do estudo e suas implicações metodológicas, reconhecendo a interdependência existente entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Assim, na pesquisa etnográfica, tanto o pesquisador quanto o objeto de estudo participam de uma dinâmica operacional dialógica.

Por outro lado, conforme argumentam Moraes e De La Torre (2006), a complexidade presente na metodologia etnográfica nos estimula a prestar mais atenção na dinâmica relacional envolvida no processo científico das Ciências Sociais, nos demonstrando que a natureza complexa é sempre dinâmica, já que envolve mudanças estruturais a partir de processos auto-organizadores. Nessa perspectiva, Morin (1998, p.187) expõe que em qualquer processo de pesquisa “tudo que isola um objeto, destrói a sua realidade”, nos alertando que na complexidade o objeto é inserido na pesquisa a partir do seu contexto histórico e sociocultural.

Retomando a discussão sobre os princípios considerados importantes para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica, Morin *et al.* (2003) confirma que o método científico ajuda a descrever os momentos importantes da pesquisa. Neste sentido, cabe destacar que a intersubjetividade, presente no processo de construção do conhecimento, considera a existência de múltiplas realidades dependendo do interesse de cada pesquisador. Assim, torna-se essencial que o pesquisador que utiliza a etnografia como método de pesquisa, se preocupe em descrever as condições em que a coleta de dados foi feita, levando em consideração que tal descrição é de suma importância para a compreensão dos resultados obtidos e para a credibilidade da pesquisa. Moraes e De La Torre (2006) argumentam que, epistemologicamente, a complexidade ao se relacionar com a metodologia etnográfica, implica na necessidade de ver qualquer objeto inserido num meio com o qual interage e do qual é dependente. Isso nos indica que o foco da pesquisa etnográfica está nas relações e conexões que o objeto emerge a partir das interações que a certeza mantém com as incertezas.

Desta forma, ao considerar a etnografia como uma metodologia que dialoga com a complexidade, é importante que o pesquisador considere a incerteza como

um dos pressupostos epistemológicos relevante no desenvolvimento da pesquisa etnográfica, já que para Morin (1998), qualquer ação, quando iniciada, entre no jogo das interações e das retroações, possibilitando com que qualquer ação possa ser desviada ou corrigida no decorrer do processo científico.

A afirmação mencionada acima, nos revela que no contexto do pensamento complexo a metodologia etnográfica se sujeita ao imprevisto e ao inesperado, colaborando com o fortalecimento da incerteza. É por essa razão que as pesquisas que adotam a etnografia como metodologia precisam levar em consideração a ocorrência do imprevisto, por mais que elas sejam conscientes e planejadas. Isso demonstra que a incerteza pode ser considerada como um dos pressupostos básicos do processo de construção do conhecimento das Ciências Sociais.

Para finalizar, é preciso não esquecermos que para Morin (1998) a teoria da complexidade é uma possibilidade de tratar os problemas de uma maneira mais adequada para o encontro de possíveis soluções do campo científico. Com ela, é possível assumir a construção de um processo metodológico capaz de articular com os pressupostos teóricos da pesquisa social, dando ênfase ao uso da etnografia

Considerações Finais

Este artigo que buscou realizar algumas reflexões sobre a prática metodológica etnográfica a partir da perspectiva do pensamento complexo, verificou que a pesquisa social, no âmbito da Antropologia e da Sociologia, possibilita a valorização de estratégias de investigação que ressaltam a interdisciplinaridade como um conceito capaz de aproximar saberes específicos, oriundos de diversos campos do conhecimento.

Neste sentido, a caracterização da interdisciplinaridade se constrói ao mesmo tempo em que o conhecimento científico vai sendo gerado. Dessa maneira, a metodologia etnográfica, ao articular com os princípios do pensamento complexo, procura estar aberta às novas informações e decisões.

Sem dúvida, a abertura da metodologia etnográfica ao novo acaba sendo marcada pelo interesse dos pesquisadores em participarem da realidade que pretendem explicar, fortalecendo a existência de uma interatividade que se preocupa em compreender as relações das partes com o todo.

Assim, a presença da interatividade e do pensamento complexo nos fundamentos da metodologia etnográfica, implica na compreensão da necessidade de se problematizar o objeto de estudo dos pesquisadores que valorizam a prática da pesquisa social.

Contudo, é importante reconhecer que todo processo científico inovador causa, muitas vezes, transformações no modo de construir e reconstruir o conhecimento. Segundo Demo (2000), isso acontece devido os processos interpretativos possuírem uma natureza dialeticamente complexa e reconstrutiva.

Desta forma, todos esses aspectos reforçam a necessidade de fortalecer a prática metodológica etnográfica. Tal fortalecimento nos leva a reconhecer a presença da incerteza nas ações da pesquisa. Isso nos revela que em um contexto de pesquisa complexo, a realidade social é influenciada pela instabilidade e pelas mudanças, que nos estimulam reconhecer que somos seres interdisciplinares em relação às mudanças no campo científico.

Cabe, então, considerar que a partir dos aspectos apresentados em relação a metodologia etnográfica e sua aproximação com o pensamento complexo, fica mais fácil perceber que a trajetória do conhecimento é interminável e que os pesquisadores precisam aprenderem a reconhecer a validade das estratégias de pesquisa com as quais se aproximam da realidade.

Por fim, precisamos compreender que a metodologia etnográfica representa para o pensamento complexo uma estratégia de ação interdisciplinar que acontece a partir das constantes interações entre os diferentes objetos de estudo envolvidos com o conhecimento científico. A partir desta compreensão fica visível que o processo de pesquisa realizado com âmbito de disciplinas como a Antropologia e a Sociologia precisa ser dialógico, constituindo-se em oportunidade para a compreensão do novo, o que certamente exige o reconhecimento da diversidade cultural no modo como as competências humanas evoluem em diferentes contextos do mundo globalizado.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. In: *Ciência & Saúde Coletiva*. II (1-2), 1997.
- ALVARENGA, Augusta Thereza de (1994). A saúde pública como campo de investigação interdisciplinar e a questão metodológica. In: *Revista Saúde e Sociedade*, pp.23-41.
- ALVAREZ, Magali de Souza et al. (2010). O pensamento complexo e desafios aos processos investigativos. In: *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*. n.18 – Dezembro.
- ALVES, Railda et al. (2004). Interdisciplinaridade: um conceito em construção. In: *Revista Episteme*. Porto Alegre: n° 19, jul/dez, pp.139-148.

- ANDRÉ, M. E. D. *A etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BOUDON, Raymond (1989). *Os métodos em Sociologia*. São Paulo: Ática.
- BRANDÃO, Z. (2000). Entre questionários e entrevistas (2000). In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família & escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRUYNE, P. et al. (1982). *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- CLIFFORD, James (2008). Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, José Reginaldo (Org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CRYZZOTTI, Antonio (2003). A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e desafios. In: *Revista portuguesa de Educação*. Portugal: Universidade do Minho, vol.16, n. 2, pp.221-236.
- CUNHA, Júlio Araújo Carneiro da; RIBEIRO, Evandro Marcos Gaidel (2010). A etnografia como estratégia de pesquisa interdisciplinar para os estudos organizacionais. In: *Qualitas Revista Eletrônica*. Vol.9, n. 2. ISSN: 16774280.
- DEMO, P. (2000). *Conhecer e aprender: Sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación. In: WITTRUCK, M. C. *La investigación de la enseñanza*. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 1989.
- FAZENDA, Ivani Catarina (2004). *Contribuições metodológicas da interdisciplinaridade na formação do professor pesquisador*. São Paulo: PUC.
- FONTOURA, Helena Amaral da (2007). A etnografia na saúde: tecendo perspectivas interdisciplinaridade. In: *Revista Socerj*. n. 20, jul/ago, pp. 309-312.
- FRIGOTTO, G. A. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. In: BIANCHETTI, L.; JANTSCH, A. *Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRÚGOLI, Jr, Heitor (2005). *O urbano em questão na Antropologia: interfaces com a sociologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- _____ (2001). *O saber local: Novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- GIL, Antônio Carlos (1987). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- GOMES, Valdemir Coelho; JIMENEZ, Susana (2009). Pensamento Complexo e concepção de ciência na pós-modernidade: Aproximações críticas às “imposturas” de Edgar Morin. In: *Revista Eletrônica Arma da Crítica*. Ano 1, n. 1.
- GONDIN, Linda M. P.; LIMA (2006), Carlos Jacob. *A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre o método e o bom senso*. São Carlos: EDUFSCAR.
- HABERMAS, J. (1987). *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus Editorial.
- JAPIASSU, Milton (2006). *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Inago.

- LEFF, E. (2000). Complexidade, interdisciplinidade e saber ambiental. In: PHILLIPPI, Jr. A.; *Interdisciplinaridade e Ciências Ambientais*. São Paulo: Signus.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1975). “Aula inaugural”. In: *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- _____ (2003). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- KUHN, Thomas (2003). *A estrutura das revoluções científicas*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva.
- MAGNANI, José Guilherme (2009). Etnografia como prática e experiência. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Ano 15, n. 32, jul/dez. 2009, pp.129-156.
- MALANGA, Eliana Branco (2002). Eliana Branco (2002). A metodologia como episteme e a pesquisa em Psicopedagogia. In: ANDRADE, Márcia Siqueira de.; GOTUZO, Alessandra Seabra (Orgs.). *A produção do conhecimento: Métodos e técnicas da pesquisa em Psicopedagogia*. São Paulo: Memnon.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução – Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATURANA, H.; VARELA, F. (1995). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Editorial Psy II.
- MAY, TIM (2004). *Pesquisa Social: questões, métodos e processos*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed.
- MEDEIROS, Marcelo *et al.* (2009). *Ética ou pesquisa social: Contribuição para o debate*. Brasília Médica.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6.ed. São Paulo: Hucitec.
- _____ (2010). Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. In: *Revista Emancipação*. Ponta Grossa: n. 10, pp. 435-442.
- MORAES, Maria Cândida; Saturnino, De La Torre. Pesquisando a partir do pensamento complexo – elementos para uma metodologia de desenvolvimento ecossistêmico. In: *Revista Educação*. Porto Alegre: Ano XXIX, n. 1, jan./abr., pp. 145-172.
- MORIN, Edgar (1998). *O método*. Volume 4: As idéias. Porto Alegre: Sulina.
- _____ (2001). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____ (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; UNESCO.
- _____ *et. al.* (2003). *Educar en la era planetaria*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- _____ (2009). *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- PAUL, Patrick (2011). Pensamento Complexo e Interdisciplinaridade: abertura para a mudança de paradigma? In: Phillippi, Arlindo Jr.; SILVA, Antonio Neto. *Interdisciplinidade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri: Editora Manole.

- SANDIN, M. da P. E. (2003). *Investigación educativa em educación*: Fundamentos y tradiciones. Madrid: McGraw Hill.
- SANTOS (2009), Tânia Steren dos. *Do artesanato intelectual ao contexto virtual*: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. Porto Alegre: Revista Sociologias. Ano 11. n. 21, jan./jun. pp. 120-156.
- SOARES, Natália Fernandes (2003). *A investigação participativa no grupo social da infância*. IEC – Uminho – Mimeo.
- SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean (2006). *Imposturas intelectuais: o abuso as ciência pelos filósofos pós-modernos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record.
- SCHRAIBER, L. B. (1995). Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e narrativas em estudo sobre a profissão médica. In: *Revista Saúde Pública*. V. 29, n. 1, pp. 63-74.
- SILVERMAN, D. *b* Métodos para análise de entrevistas, textos e interpretações. 3.ed. Porto Alegre: Bookman.
- VIEIRA, M. M. F.; PEREIRA, B. N. (2005). Estudos etnográficos em administração. In: VIREIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em administração*: Teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV.

